



## ONDE OS ÍNDIOS NÃO SENTEM MAIS VERGONHA DE SER ÍNDIOS

Quando os índios **Pankararu** descem do Brejo dos Padres e dançam o Toré no meio das ruas de Petrolândia (PE), os brasileiros já não se surpreendem, acostumados a conviver com o cacique, o pajé e todo o conselho tribal. Um pouco mais à leste, toda a cidade de Águas Belas está situada bem no centro da Reserva dos índios **Fulni-ô**. Os **Tuxá** moram dentro da cidade de Rodelas, na Bahia e ocupam a rua Felipe Camarão, também conhecida como "rua dos Tuxá". Os **Xacriabá**, em Minas Gerais, considerados como extintos, foram "redescobertos" recentemente em Itacarambi, onde eram vistos como "caboclos". Estes quatro exemplos refletem a situação de mais de 26 mil índios, pertencendo a 21 grupos diferentes, localizados na região coberta pelo CIMI-Leste/Nordeste cujo Regional foi criado no ano passado. Eles perderam suas terras e neste momento combatem para recuperá-las numa luta desigual com grandes empresas como a Cia. de Cimento Cauê, a multinacional Aracruz Celulose Florestal, Empresas Tecidos Rio Tinto, Grupo Aliança, famílias Brito e Pessoa de Mello, fazendeiros e aventureiros de todo tipo, defrontando-se também com siglas e instituições com IBDF, INCRA, FUNAI, CODEVASF, BARRAGENS DE S. Francisco e Itaparica. Com a perda de suas terras, sofreram modificações em sua cultura; poucos grupos conservam sua língua; não se visitavam e viviam isolados uns dos outros.

Agora, existe um movimento de recuperação de sua consciência de índio. Estes grupos indígenas começam a descobrir em velhos arquivos os títulos de terras "doadas" pela Coroa Portuguesa no séc. XVIII e em base a eles, exigem a indenização das áreas tomadas pelas cidades e cortadas pelas estradas, expulsam os fazendeiros e demarcam seu território por conta própria.

Com a recuperação da terra, reivindicam sua identidade cultural. Os índios já não têm vergonha de ser índios e quase todos os grupos conservam o Toré e outras celebrações rituais; alguns grupos tentam reaprender suas línguas, como é o caso dos **Potiguara** em contato com os **Tapirapé** e dos **Xukuru-Kariri** que pretendem falar o laté, a língua dos **Fulni-ô**. Enquanto os traidores das multinacionais ameaçam destruir aldeias inteiras, os próprios índios do Leste-Nordeste organizam uma Assembleia de Líderes Indígenas, a ser realizada em outubro de 1979 em Porto da Folha, Sergipe.

### SANGUE DE ÍNDIO

"Eu sou índio. Para provar podem tirar até a última gota do meu sangue, que este sangue é sangue de índio". Esta frase foi dita ao pe. Iasi por um índio casado com uma cabocla mineira. Ele estava reivindicando terra. Segundo o pe. Iasi, "hoje podemos ver a consciência do índio recuperada, grupos com três séculos de contato querem reavivar sua identidade e continuar a viver como índio. Eles ainda se sentem unidos contra a peste branca".

Muitos destes grupos não são reconhecidos como tais pelos Governos Estadual e Federal e em algumas dioceses a própria Igreja desconhece a sua existência, alguns são considerados pela população envolvente como "caboclos".

Quase todos os grupos indígenas da região Leste-Nordeste tiveram provavelmente seus primeiros contatos com os brancos a partir de

1.500 com a chegada dos portugueses. Nestes 479 anos de convivência, esses povos passaram por várias situações de contato, tendo como consequência a perda de suas terras e de sua cultura, obrigados a viver de acordo com as regras e valores da sociedade nacional, sem que isso significasse plena rendição à cultura ocidental.

Eles tiveram acesso à língua portuguesa, usam a terra ao modo regional, plantam os mesmos produtos camponeses, muitos casam no civil e no religioso, possuem títulos eleitoral, as crianças frequentam escolas primárias dentro dos Postos Indígenas, os adultos jogam futebol e dançam ao som de músicas nordestinas e até mesmo norte-americanas. Alguns velhos recebem aposentadoria pelo FUNRURAL.

Entretanto, estes grupos permanecem como índios **transfigurados etnicamente**, isto é, foram forçados a transformar radicalmente o seu perfil cultural, inclusive como condição para persistir como índio frente a tantas compulsões a que foram submetidos: transfiguraram, sua indianidade e redefiniram seu **ethos** tribal.

### LÍNGUA DE ÍNDIO

Quase todos os grupos conservam o **Toré** como um dos elementos de sua cultura; fazem "shows" nas cidades "para inglês ver" porque o verdadeiro e tradicional Toré eles só dançam longe da vista dos brancos. No Nordeste, os **Fulni-ô** conservam muito da sua cultura. Falam o laté e mantem vivo o **Ouricuri**, passam três meses na mata, de setembro a novembro, onde realizam a festa ou o ritual máximo do grupo, sendo proibida a presença de brancos, eles guardam total sigilo sobre os seus rituais e não admitem sequer a intervenção da FUNAI para a escolha do cacique.

Os **Pankararu** que dançam o Toré nas ruas de Petrolândia e Tocaratu, em Pernambuco, mantem um cacique, um pajé e um conselho tribal. E os **Tuxá**, que moram dentro da cidade de Rodelas, na rua Felipe Camarão, conhecida como "rua dos Tuxá", também dançam o Toré e continuam a fazer artesanato em cerâmica.

Dos grupos da região Leste, os **Machacali**, os **Krenaq**, os **Guarani** e os **Hã Hã Hã** conservam o idioma próprio, sendo que os **Machacali** e **Guarani** conservam quase que intactas suas tradições. Os outros conservam parcialmente e mesmo assim só se manifestam às escondidas.

Os **Pataxó** têm visitado frequentemente os **Machacali** na tentativa de aprenderem a língua deste grupo, da mesma maneira que os **Potiguara** tentam aprender com os **Tapirapé** e os **Xukuru-Kariri** querem falar o laté, a língua dos **Fulni-ô**.

### TERRA DE ÍNDIO

A maioria das terras ocupadas por esses grupos não pertencem à União, mas foram "doadas" aos índios pela Coroa Portuguesa no século XVIII, outras foram "doações" de sesmarias do século XVII, outras ainda "doadas" pelos Governos Estaduais a pedido de algum vigário.

Ao longo dos anos, estas terras foram sendo roubadas pelos brancos e quase toda a área indígena se transformou em vila ou cidade. Este último caso aconteceu com as terras dos **Xacriabá**, "doadas" por terem participado da guerra do Paraguai. No início de 1979, a FUNAI delimitou, em mapa

A região do Leste-Nordeste do Brasil - englobando os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba - é uma área onde a população da sociedade envolvente chega a jurar que "não tem mais índios". O argumento tradicional que se utiliza é que esta região foi uma das primeiras penetradas pelo colonizador português, que dizimou todos os povos indígenas existentes.

Entretanto, existem hoje mais de 26 mil índios pertencendo a 21 grupos diferentes, que moram dentro de cidades e ocupam ruas inteiras de bairros de cidadezinhas do interior. A partir do momento que eram discriminados pela população brasileira, esses grupos indígenas transformaram radicalmente o seu perfil cultural para poderem persistir como índios. Transfiguraram sua indianidade, confundiram-se com a população rural brasileira, como uma medida de auto-defesa. Redefiniram seu **ethos** tribal, mas não deixaram de ser índios.

Hoje, graças a perspectivas de luta pela posse da terra, muitos grupos voltam a reafirmar sua indianidade. Quase todos os grupos conservam ainda o Toré e outras celebrações rituais; alguns tentam mesmo reaprender suas línguas, como é o caso dos **Potiguara** e dos **Xukuru-Kariri**. O Leste-Nordeste é uma região

46.470 ha. A demarcação começou em março do mesmo ano, mas foi inferior ao que se havia delimitado. Os invasores - fazendeiros, posseiros e a Cia. Cimento Cauê - não só continuam dentro da área, como um fazendeiro chegou até mesmo a vender as terras dos índios para outro.

Os **Krenaq** do grupo denominado Botocudo, extinto no início deste século, foram nesta época aldeados próximos ao município de Resplendor, em MG. No início dos anos 70 foram transferidos para a fazenda Guarani pelo ex-chefe da Ajudância da FUNAI, capitão Pinheiro, o qual mantém a posse das terras em Resplendor.

Os **Tupiniquin** e **Guarani** enfrentam as plantações de eucalipto da multinacional Aracruz Celulose (Ver PORANTIM nº 10), enquanto os **Pataxó**, que habitam uma pequena capoeira nas imediações da Reserva Florestal do Monte Pascoal, estão ameaçados de transferência pela FUNAI e o IBDF. Os **Machacali**, conservando a língua e suas tradições, mantem uma coesão cultural que permitiu o enfrentamento aos invasores com relativo êxito. As terras dos **Hã Hã Hã** foram giriladas por fazendeiros, apoiados por políticos bahianos e pelo ex-governador da Bahia. Os índios são proibidos de irem ao município de Itaju do Colônia sob pena de serem mortos.

As terras "doadas" por D. Pedro II aos **Potiguara** também foram invadidas por fazendeiros, pela empresa Tecido Rio Tinto, pelo grupo Aliança da família Pessoa Mello e

cortadas pela BR 101. Em dezembro de 1978, cansados de promessas, começaram a demarcar suas terras "no peito e na marra". Houve intervenção do Exército e da Polícia Federal. Em junho último, o Presidente da FUNAI assinou convênio com a Universidade da Paraíba para a demarcação.

### ASSEMBLÉIA DE ÍNDIO

Os **Xukuru** perderam extensas terras ocupadas por fazendeiros e agora, dispersos em 13 aldeias, possuem menos de 2 ha por família. A reserva dos **Fulni-ô** foi em parte ocupada pela cidade de Águas Belas; grande parte da terra está arrendada pela FUNAI, que paga aos índios apenas 30% do arrendamento. Os **Xokó**, das terras "doadas" por D. Pedro II, foram expulsos com violência pela família Brito e vivem em situação de miséria na fazenda Caçara, situada frente à Ilha de S. Pedro (SE); neste momento os **Xokó** estão com processo na justiça, reivindicando a ilha como caboclos, pois a FUNAI teima em não reconhecê-los como índios. Os **Tuxá** e os **Trukã** estão com as terras ameaçadas de inundação pela barragem de Itaparica.

Todos estes grupos defendiam suas terras, mas bastante isolados uns dos outros. Agora, com a reivindicação de sua indianidade, com a procura pela afirmação de seus valores e tradições, estão mais coesos e unidos, inclusive, preparam neste momento uma Assembleia de todos os líderes indígenas do Leste-Nordeste para o mês de outubro de 1979 a fim de discutir seus problemas e procurar soluções, unidos.

## POPULAÇÃO INDÍGENA DA REGIÃO LESTE/NORDESTE - AGOSTO 1979

NOME DO POVO - TRONCO LINGÜÍSTICO	POPULAÇÃO	DISTRITO-MUNICÍPIO-ESTADO	DIÓCESE
01- Xacriabá	3.000	Itacarambi - Minas Gerais	Januária
02- Machacali / Jê Machacali	500	Bertópolis - Minas Gerais	T. Ottoni
03- Krenak / Jê	45	Carmésia - Minas Gerais	Diamantina
04- Tupiniquin / Tupi-Guarani	611	Aracruz - Espírito Santo	Vitória
05- Guarani (Mbã) - Tupi Guarani	45	Aracruz - Espírito Santo	Vitória
06- Pataxó	1.800	Monte Pascoal-Bahia	Caravelas
07- Hã-hã-hã / Jê-Jê	2.000	Itajá de Colônia - Bahia	Ithaus
08- Kiriri	1.370	Ribeira do Pombal - Bahia	Paulo Afonso
09- Katimbó	630	Eucídes da Cunha-Bahia	Paulo Afonso
10- Pankararú	1.200	Brejo dos Burgos - Bahia	Paulo Afonso
11- Trukã	?	Paulo Afonso - Bahia	Paulo Afonso
12- Tuxá	480	Rodelas - Bahia	Paulo Afonso
13- Xokó	170	Porto da Folha - Sergipe	Propriá
14- Xokó-Kariri	700	Porto Real do Colégio-Alagoas	Penedo
15- Xukuru-Kariri	512	Palmelras dos Índios-Alagoas	Palm. dos Índios
16- Atikum	1.289	Serra de Ima-Pernambuco	Floresta
17- Kambiwé	252	Inajé - Pernambuco	Floresta
18- Pankararú	2.300	Petrolândia - Pernambuco	Floresta
19- Fulni-ô / Jê	2.874	Águas Belas - Pernambuco	Garanhuns
20- Xukuru	3.000	Pesqueira - Pernambuco	Pesqueira
21- Potiguara	3.500	Bahia da Traição - Paraíba	João Pessoa
TOTAL.....	26.278		

NOTA: Levantamento realizado pelo CIMI-Regional Leste-Nordeste 1978 \* Visitas aos grupos, depoimentos de índios e agentes de Pastoral.